

4 de novembro

Um Monstro Inofensivo

Não temas o pavor repentino, nem a arremetida dos perversos quando vier. Provérbios 3:25.

Enquanto explorava cavernas na África, um cientista freqüentemente se exasperava com a informação de um de seus auxiliares nativos de que havia visto um monstro. Possuía cerca de 66 centímetros, era escuro e tinha formas distorcidas da aparência das criaturas reais. O auxiliar estava certo de haver visto um espírito mau, especialmente porque ele desaparecia sem deixar vestígios.

Descobriu-se depois que este "monstro" era um escorpião-chicote cujas sombras eram lançadas na parede da caverna. Embora este escorpião possuísse temível aparência, era inofensivo ao homem. Parente da aranha, possuidor de corpo que lembra uma aranha, o escorpião-chicote tem dois braços que podem medir até 22 cm. Na extremidade de cada braço há uma porção de agudos espinhos, um dos quais munido de gancho que parece um bastão que se fecha como a lâmina de um canivete. As pernas dianteiras possuem mais de trinta centímetros de comprimento nos escorpiões-chicote maiores. Os três pares de pernas restantes são também muito longos. Cada um deles pode chegar a 25 cm.

O escorpião-chicote, que não possui cauda, é cego e utiliza longa antena para encontrar baratas, besouros e outros insetos de que se alimenta. As antenas também informam o tamanho e a força de sua presa em perspectiva. Desse modo esse escorpião evita atacar insetos muito grandes ou fortes demais para ele. Se, mesmo depois de tomar todas as precauções, o escorpião encontra uma criatura que deseja lutar, ele desiste e a presa escapa. Tanto quanto sabemos, esse escorpião não ataca, nem mesmo o dedo de um homem, por considerar o seu tamanho.

Quando o auxiliar daquele cientista viu o que provocava a sombra, aceitou o escorpião como real e inofensivo. Contudo, ainda permaneceu firme em sua convicção de que a sombra era um espírito mau.

Aquele auxiliar temia o que imaginava fosse um monstruoso espírito mau que o ameaçava. E, considerando seu meio e sua formação, era natural que ele assim pensasse. Nós, porém, não somos também inclinados a temer quando confrontados com o desconhecido ou o perigo? Somente uma profunda experiência com Deus pode evitar isto.